

A lavoura é adubada com adubo químico, esterco curtido, palha de café e feijão. Além disso, é pulverizada urina de vaca misturada com sais minerais, e aplicada a homeopatia nos pontos de energia da propriedade.

A homeopatia tem conseguido controlar o berne de raiz, existente na região, que causou muitos danos à lavoura de café. Segundo Itamar essa praga sempre existiu, mas nos últimos anos aumentou muito e gerou transtornos, surgindo a necessidade de se pesquisar melhor esse problema.

São criadas vinte cabeças de gado na propriedade, a maioria para recria, e três vacas de leite para a despesa. O agricultor só não aumenta o número de vacas por causa do trabalho necessário para cuidá-las. Ele nos ensina que a rama da batata doce aumenta o leite das criações, e que se em toda lua mingunte der alho com sal mineral para o gado, ele não dá verme, além de ajudar a espantar cobras. Outro remédio utilizado pelos "antigos" contra verme é o café do mato, espécie de fortificante, desde que se tome o cuidado de não utilizá-lo na lua nova, quando a planta vira veneno.

Cerca de dez galinhas e três porcos também são criados para a despesa da família, que dependura ramos de pinha no chiqueiro para espantar os morcegos, pois eles se espetam e não voltam mais. Várias teias de aranha crescem livremente no chiqueiro, mais uma técnica utilizada que diminui os mosquitos que incomodam as criações.

Na área passa um duto de minério da Samarco, instalado há mais de 30 anos. O casal conta indignado o desrespeito da empresa com a terra, quando foi trocada a tubulação em 2007, o rio foi assoreado e acabou todo poluído, bem na época da desova de peixes, que desde então passaram a diminuir no local. A água da propriedade vem de uma mina de cabeceira, antigamente freqüentada por animais. Ela foi cercada e a vegetação aos poucos cresceu novamente, o que gerou o aumento da quantidade de água vertida pela mina, numa prática de grande valia para a família.



Dorvina detêm de grande conhecimento sobre as plantas medicinais, como resultado diz que não compra remédios em farmácias há mais de 20 anos. Ela nos passou alguns dos seus ensinamentos, como a pata de vaca que é ótima contra diabetes, camomila para amenizar dor de cabeça, calêndula ajuda a prevenir câncer, pois age nos "problemas por dentro", folha de bananeira, tansagem e pé de galinha são antibióticos. A agricultora também revelou uma ótima receita:

Sabão de Abacate

Ingredientes: - Um quilo e meio de soda (não pode ser da marca "Escorpião")
 - Meio quilo de sebo derretido
 - Uma lata (18 litros) de massa de abacate
 - Meio litro de fubá

Procedimento: Misturar tudo, menos o fubá, e bater durante uma hora. Mistura então o fubá e bate mais um pouco. Deixar descansando até o dia seguinte e cortar em tabletes.

O agricultor alerta para os perigos de tratar animais com alimentos contaminados. Ele conta o caso do agricultor, que alimentou uma porca com palha de café contaminada com agrotóxico, e não teve outra escolha a não ser sacrificá-la mais tarde. A experiência dessa família é exemplo da possibilidade de se viver bem e saudável com o que se produz, sem depender de produtos industrializados. Eles produzem praticamente tudo o que precisam, e a beleza do local indica que a propriedade tem grande potencial para o turismo agroecológico, como diz Itamar:

"Agroecologia não é coisa nova, mas um resgate de coisas boas que se perderam."

telefax (31) 3892 2000
 e-mail: cta@ctazm.org.br
 http://www.ctazm.org.br
 Viçosa - MG

ASSOCIAÇÃO REGIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS DA ZONA DA MATA - MG
 R: Luiz Lourenço de Lima, nº 605, Centro, Divino - MG
 cep 36820-000
 tel: (32)3743-1544
 aregional@ig.com.br

centro de tecnologias alternativas da zona da mata
 Arte e diagramação: Oswaldo Santana

Apoio:

noSSa ROÇA

A agroecologia de Vera e Amaury & Dorvina e Itamar

Setembro de 2010 - nº 22

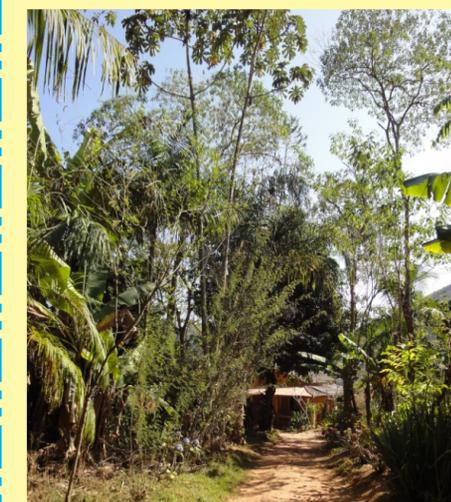
Experiências de agricultura familiar e agroecologia

A mãe de Amauri, Dona Fia, que aos 84 anos ainda demonstra grande vivacidade, foi quem contribuiu com a maior parte da área da propriedade do casal Vera e Amauri, cerca de um alqueire; outro trecho o casal comprou dos irmãos de Amauri, completando assim a área total da propriedade.

O pai de Amauri foi outra grande inspiração, uma pessoa muito querida que ensinou ao filho o valor da vida na roça. Ele se recorda da infinidade de variedades de sementes que seu pai guardava e fazia questão de preservar.



Amauri e Vera



A entrada da propriedade Portal de Luz Sítio Agroecológico

Os trabalhos na propriedade diminuíram entre 2001 e 2004, época em que o agricultor assumiu a diretoria da Associação Regional de Agricultores Familiares da Zona da Mata, o que lhe exigiu grande dedicação. Apesar disso, Amauri conta que esse período foi muito importante para contribuir com o movimento sindical, momento em que obteve muito aprendizado.

É marcante a quantidade e variedade de espécies encontradas ao redor da casa, como ipê amarelo, ipê-preto, capoeira-branca, genipapo, ameixa-do-pará, candiuba, bambu, maminha de porca, eucalipto, imbiruçu, angá, bananeiras, pupunha, jussara, pitanga, copaíba, ameixa, cinco-folhas, graviola, santa-bárbara, goiaba, urtiga, papagaio, flamboiam, cura-madre, pêssego, pingo-de-ouro, guandu, laranja, mexerica, limão, pêssego, jaboticaba, boldo-do-brasil, mamão, caqui, graxa, tuia, murta, jaboticaba, entre muitas outras. Algumas dessas plantas, em especial as frutíferas, foram plantadas a partir de mudas, porém a maioria nasceu espontaneamente, por propagação natural no terreno. Algumas espécies, que o agricultor desejava possuir, nasceram sem a necessidade de serem semeadas, frutos da força da vontade e do desejo, disse Amauri. Muitos são os benefícios da diversificação, ao fornecer muitos frutos que servem de alimento para a família e para os

animais, em especial passarinhos, e proporciona um ambiente mais agradável, por amenizar o clima e oferecer a beleza e o perfume das flores. "se preservar a flora a fauna aflora", complementa o agricultor.

Foram plantados quinze mil pés de café na propriedade, o que exigiu mão de obra além da disponível na família, que optou por deixar a própria natureza selecionar as áreas nobres. Aonde a lavoura não vingou naturalmente, foram plantadas cana, mandioca e banana (em um só trecho foram plantadas trezentas mudas de banana), que convivem em harmonia com os cinco mil pés de café restantes da lavoura inicial, além do gandu, abacaxi, ameixa, Ipê-amarelo, ipê-tabaco, capoeira-branca, ipê-preto, entre outras companheiras. O agricultor acredita que não devia ter plantado a lavoura muito densa, impedindo a existência de outros seres, além de aumentar a incidência de doenças; por isso a família não lamenta a "perda" de parte da lavoura, por possibilitar a diversidade de produtos, contribuindo para diminuir a dependência da produção do café.



Não é feita capina na lavoura, apenas roça-se o mato, deixando a palha no solo para protegê-lo dos impactos do sol e da chuva. Muitos foram os benefícios desse manejo, que possibilitou a diminuição da água que escorria da lavoura e causava erosão. O agricultor mostrou uma vala antiga que era usada para conter a enxurrada, e exigia o trabalho constante de se retirar a terra nela acumulada; após a substituição da capina a vala nunca mais encheu, e hoje é usada no armazenamento de água para abastecer bombas usadas na aplicação de biofertilizantes e outras caldas.

Há quase dez anos a família não usa adubos químicos na lavoura, característica marcante do seu sistema. Dos biofertilizantes naturais que utiliza, destaca-se o EM-4, preparado a partir da captura de microorganismos benéficos na serrapilheira (restos de vegetação) da mata. Além disso, a lavoura é tratada com homeopatia e Heiki, sistemas naturais de harmonização e equilíbrio dos pontos energéticos, de acordo com os preceitos da radiestesia, constituída na capacidade de algumas pessoas perceberem e sentirem as energias da terra. Foi assim que o poço que abastece a família e duas propriedades vizinhas foi encontrado com o auxílio de uma forquilha de goiabeira, uma técnica dessa antiga ciência. O manejo adotado pela família demanda muito pouco trabalho, o que permite ao agricultor desempenhar outras atividades, como acompanhar o trabalho do sindicato e se dedicar à literatura.

Recentemente a família tem experimentado o uso do pó de brita na adubação da lavoura, com a vantagem de ser uma fonte natural de nutrientes, de fácil aquisição e baixo custo, contribuindo com a autonomia dos agricultores e diminuindo a necessidade do uso de adubos químicos. O metro do pó da rocha, cerca de 50 latas, custa em média R\$55,00 e é suficiente para adubar três mil e quinhentos pés de café, entretanto, para adubar apenas mil pés de café com adubo químico são gastos cerca de R\$280,00. Mas o agricultor alerta que o pó de rocha deve estar integrado a outros manejos, pois sozinho não faz milagres. A aplicação do pó de brita se dá principalmente de duas formas, diretamente no pé do café, ou através de uma calda, que o agricultor denominou "sopa de pedra". O agricultor também testou polvilhar sementes, como de arroz, com o pó de rocha, e verificou um aumento na produção e taxa de germinação.



Visita de intercâmbio na propriedade

A família comercializa diversos produtos, parte do café é exportado como orgânico e outra parte é comercializado através da cooperativa. O café da família é certificado com o selo orgânico, mas o agricultor acredita que é muito mais importante ser agroecológico.

Uma outra estratégia é com o projeto de compra direta da CONAB que possibilita a saída de diversos produtos. As galinhas produzem ovos que, juntamente com outros ingredientes, se transformam em deliciosas quitandas nas mãos de Vera, como pães, bolos, biscoitos e doces, fornecidos com outros produtos, como polpas e frutas, para uma escola próxima da propriedade.

Ainda são desenvolvidos trabalhos de turismo agroecológico na propriedade. Atualmente estão sendo realizadas construções para abrigar os visitantes recebidos, com materiais da propriedade e o resgate de práticas antigas a partir da Permacultura. A família diz ser importante as visitas, mas não descartam o acolhimento da família e amigos em primeiro lugar.

Outro produto gerado pela propriedade, com uma nobreza particular, é a arte da literatura. O ambiente que a família construiu e vive serve de inspiração para Amauri, e se expressa em dois livros já lançados, um de poesia, "Redemoinho", e um romance, "O Trem", frutos do carinho e respeito com a terra e os saberes dos povos que viveram e vivem dela. Para o agricultor o trabalho na propriedade é algo maior que a simples produção de alimento, a colheita vai muito além dos produtos com valor monetário, pois produz felicidade, produz harmonia, ora, produz poesia.

Receita da "Sopa de Pedra"

180 litros de água
6 litros de garapa
10 litros de pó de pedra (brita)
4 litros de cinza
1 litro de leite
1 saco de palha de café

A Família de Dorvina e Itamar

O casal Dorvina e Itamar trabalhou de meeiro durante nove anos, até conseguir comprar um pedaço de terra em Espera Feliz, e iniciar a lavoura de café no local onde antes só havia pastagens.



O agricultor diz que utilizava agrotóxicos no manejo, devido à orientação da EMATER, mas percebeu que a lavoura não precisava do veneno, que só servia para a empresa gerar lucro em cima do agricultor. A família, que já mora na comunidade há cerca de 20 anos, conta que a ocupação da região se deu na década de 40, quando o mato foi derrubado para se plantar batata baroa, ainda hoje cultivada. Antigamente não tinha formiga lava-pé no local, mas hoje há muitas delas, que atacam a cultura da batata e causa danos.

O agricultor ensina que não precisa de veneno para conservar o feijão, pois a terra de formigueiro produz o mesmo efeito. Ele recomenda ainda que seja feita a cura antes da lua nova de agosto, para conservar mais o grão; contudo lamenta a dificuldade de vender o feijão sujo, pois os consumidores o preferem limpo, conservado com o remédio. A família vive com o que a terra produz e só compra arroz, açúcar e outras utensílios para casa.

A propriedade tem 30 hectares e lá trabalham os filhos Fábio, Silvério, Matheus, Cristina, Nilza, e o casal Dorvina e Itamar, que disseram ser "pouca gente para muito serviço". A família planta milho, mandioca, feijão, muitas frutas, outras plantas miúdas, o café que já conta com aproximadamente vinte mil pés na lavoura, e cultivos nas entrelinhas da plantação como laranja, abacate, capoeira branca, banana, batata baroa e mandioca. A família reduziu a capina da lavoura, feita agora só uma vez ao ano, pois estão manejando o café por meio do roçado, que traz benefícios para a lavoura devido à ação dos "seres que vivem no solo". Roçar a plantação ainda é benéfico por ajudar a conter as enxurradas da chuva, que antigamente desciam até a casa da família; hoje a pouca água que escorre fica contida em caixas de contenção.